

A Semana Euclidiana

Prezados ouvintes de PR-J2. Boa noite.

Prosseguindo as palestras radiofônicas, ontem encetadas com a palavra brilhante e autorizada do nosso mestre e amigo sr. Dr. Faris Antônio S. Michael, patrocinadas pela novel entidade espiritual desta cidade, que é o "Centro Cultural "Euclides da Cunha", tenho a satisfação de vir ao microfone desta emissora famosa desincumbir-me da missão honrosa a mim conferida pelo operoso e culto presidente da entidade cultural já citada.

Venho ler um trabalho humilde e de pouco alcance, que não foi escrito com a fulguração de uma pena brilhante, mas, com a alma da sinceridade e em homenagem à memória do maior vulto da literatura pátria, ao patriota ardoroso e genial que foi o escritor Dr. Euclides da Cunha.

Ao iniciar a minha desprezível colaboração dedicada às comemorações beneméritas da Semana Euclidiana, que se vêm efetivando nesta cidade e na de São José do Rio Pardo, em São Paulo, fazendo reviver em nossos corações a figura intrépida e vigorosa do autor de "Os Sertões", devo esclarecer que as mesmas estilizam em sua essência uma legítima campanha de renovação espiritual a qual nós os euclidianos encaramos pelo lado mais cívico do termo.

Como sertanejo do nordeste, procurei fazer com que o humilíssimo trabalho por mim elaborado girasse em torno da personalidade paupérrima e estóica da gente que habita os sertões combustos e calcinados da nossa estremecida Pátria. Sim! porque não concebemos a personalidade ímpar e viril de Euclides da Cunha, sem o drama épico e satânico daquela terra ingrata e amável ao mesmo tempo, a que Gustavo Barroso numa eloquência de expressão chamou de "Terra de Sól".

Falemos, pois, das plagas nordestinas, dos sertões que serviram de fonte de inspiração ao vibrante autor de "Contrastes e Confrontos", falemos numa linguagem rude e simples de sertanejo que viu e viveu as terríveis calamidades das secas; falemos de coração, com palavras finitas, o que representa uma dor infinita para os nossos irmãos mártires do Nordeste... Vejamos aquele Nordeste pobre, mas, que é como a casa de Adamastor, pequeno por fora e grande por dentro... Digamos algo daquelas plagas de quem tanto se tem dito na palavra falada ou escrita, mas que poucos, pouquíssimos mesmo, têm delas procurado se aproximar para auscultar com os ouvidos do coração o lamento dos seus filhos, e conhecer "in loco" os seus mais ingentes problemas, quase que perenes no tempo e no espaço, mas que não chegam a ser insolúveis!!!...

Enumeremo-los de per si, encarando-os de frente:

Vejamos as secas:— Eis o ponto nevralgico da questão, é este por excelência o problema primordial do nordeste, tanto assim que, agora como em outros períodos históricos para aquela região, está a Nação, esta grande pátria de Rui e de Caxias, experimentando os efeitos calamitosos da catástrofe, oriundos das longas estiagens. Ora, por mais incrível que se nos pareça, essas incógnitas meteorológicas não surgiram hoje, nem apareceram

ontem, elas vêm de longe como o sofrimento do sertanejo indomito, nasceram com o Brasil. Cresceram desafiando a inércia e falta de patriotismo dos poderes públicos, com exceção de dois grandes e notáveis presidentes e um ministro: O saudoso Dr. Epitácio Pessoa, a atual figura por todos os títulos eminente do presidente Getúlio Vargas e o impoluto homem do sertão, Dr. José Américo de Almeida. No atinente ao atual Chefe da Nação, só mesmo quem conheceu o nordeste, antes e após a sua administração passada, poderá com justiça assilatar o seu acendrado patriotismo.

Os que o antecederam com a exceção já referida do Dr. Epitácio Pessoa, pouco ou quase nada fizeram pelo nordeste, como se este não fosse também uma das partes integrantes do Brasil. Tal atitude destoante para a administração dum país vasto como o nosso, diga-se, de passagem, representava algo sombrio para a nossa Pátria, porque ali não apenas uma região semi-desértica fenecia paulatinamente, eram antes brasileiros da gema, caboclos, os nossos mameucos, que lutavam inglôriamente se extinguindo pelo sofrimento, como se fora crime ter nascido brasileiro com "B" maiúsculo. Mas graças aos homens de visão e de patriotismo reconhecido, criaram-se as "Obras Contra as Secas", constituíram-se açudes, alguns com apreciável capacidade de reserva líquida como os: Oró, de Quixadá e outros; o Ministério da Agricultura forneceu técnicos capacitados; fizeram-se irrigações, foram-se minorando, enfim, os sofrimentos do homem do sertão.

Mas acontece que as secas nordestinas não se limitam a este ou àquele Estado, como sói falar-se que é o Ceará a terra da seca, não, as estiagens prolongadas (a escassez de chuvas) se verificam desde o sertão da Baía de Castro Alves até os sertões maranhenses de Gonçalves Dias; fora vivo o célebre Lampeão di-lo-ia melhor por conhecer palmo a palmo toda a adusta região das caatingas sertanejas...

Pois bem, ao que temos verificado ante o flagelo das secas que ora calcinam o nordeste, os trezentos e poucos açudes construídos pelos poderes públicos, e mais tantos outros de iniciativa particular, não resolveram "in totum" o magno problema; urge sejam tomadas outras providências que com a adoção das descritas porão termo às calamidades; debelarão o mal para sempre.

É necessário, pois, (não é um técnico que fala; é um filho do sertão), que sejam construídos outros reservatórios do precioso líquido, proiba-se a derribada das matas, ensinando aos "fazedores de desertos", como dizia Euclides da Cunha, o quanto é prejudicial devastar as florestas. Precisa-se dar combate à erosão e reflorestar o nordeste com essências florestais que se aclimem bem ao meio. Exemplifiquemos: a Oiticica, o Cajueiro, o Joazeiro virente que, negado de frutos amarelos e folhas verdejantes, nos faz lembrar um pedaço da nossa sagrada bandeira Nacional desfraldada num oásis do deserto; bem assim outras essências florestais que representam, para a região, grandes fontes de renda.

As terras nordestinas são salubérrimas; havendo irrigação abundante, não haverá miséria, o Brasil tornar-se-á um portento e os brasileiros mais felizes.

São estes, pois, os problemas das secas; como foi dito, já não estão em fase embrionária, mas, apesar dos pesares, só após vários séculos de lutas titânicas em que uma raça forte se revezava atônica ante o extase do sofrimento, sem vencer ou ser vencida, apareceu um brasileiro da envergadura moral de Euclides da Cunha, notável titã no burilar da pena e no desfraldar a sagrada bandeira do civismo, pa-

ra, imbuído do mais sã patriotismo, descortinar o palco em que o heroísmo, a miséria e o sofrimento se dramatizavam eloquentemente, isso para mostrar ao Brasil cá fora a pugna em que se empenhara uma raça de mestiços curibocas que, sendo talhada para as sensaborias da vida, jãmais o fóra para ser vencida!

Resolver os problemas do nordeste bem como outros do País inteiro, não constitui apenas um dever de brasilidade, mas, verdadeiro imperativo de ordem patriótica.

Digamos algo sobre o nosso matuto sertanejo:— Se faz séculos, lá está ele no mais extre-

mo abandono, fazendo cálculos sobre as suas miragens, referentes aos sonhos desfeitos, preparando o "matulão" para iniciar uma marcha forçada e errante de nômade, de "retirante", através das estradas poeirentas ou por sobre o leito dos rios secos com a sua pele mumificada; dos mesmos rios que no tempo de inverno, ao transbordarem, lhe serviram de vasante como uma miniatura do Nilo; os mesmos rios em que se vão mirar às suas margens os Mulungús floridos, cujas flôres encarnadas, em forma de duas pétalas, a viração tange para a correnteza (Cont. na pág. 16)